

5 Conclusão

[...]

não queria fazer uma leitura
equivocada
mas leituras de poesia
são equivocadas

queria escrever um poema
bem contemporâneo
sem ter que trocar fluidos
com o contemporâneo

Angélica Freitas
(2012, p.52)

todos os poemas
são inconfessáveis
mas pensando bem
não faz muita diferença
acho que ninguém
revira esta gaveta
à procura de pistas
[...]

Alice Sant'Anna
(2008, p.60)

Contemporâneas no tempo, ultracontemporâneas na poesia, Angélica Freitas e Alice Sant'Anna são filhas da “expectativa da ausência”. Comum à poesia de ambas, o apreço por uma linguagem coloquial e pela temática do cotidiano atende à expectativa daquilo que Italo Moriconi considerava ausente da cena poética do fim do século XX (1998, pp.23-24). Um hiato tornado prática textual por muitos poetas da Geração 00 e que contribuiu para o lugar de destaque de Angélica e Alice na poesia ultracontemporânea.

Afora as similitudes da dicção prosaica e da imersão dos versos nas experiências consuetudinárias, as duas compartilham um olhar bem-humorado dos acontecimentos, porém, seguindo vertentes opostas. A pelotense, ferina e iconoclasta, pelos vieses da paródia e do sarcasmo. A carioca, *flâneuse* das entrelinhas dos domínios da rua e da casa, por sutilezas e intimidades.

Segundo o poeta, dramaturgo e crítico inglês T. S. Eliot, “se a única forma de tradição, de legado à geração seguinte, consiste em seguir os caminhos da geração imediatamente anterior à nossa, [...] a tradição deve ser positivamente desestimulada” (1989, p.38). Na poesia brasileira, entretanto, a tradição consiste justamente em negar a geração imediatamente anterior. Assim, da mesma forma que a poesia marginal da década de 70 nega as vanguardas poéticas dos anos 50 e 60 (Concreto, Práxis, Processo etc.) e “radicaliza e capitaliza a tradição modernista do coloquialismo, da simplicidade, de um certo anti-intelectualismo” (SISCAR *apud* MALUFE, 2011, p.257), os novíssimos poetas do século XXI negam a produção ressublimante dos idos de 80 e 90.

Filiada Angélica a Cacaso e Leminski, e Alice tendo Ana Cristina Cesar como referência, a influência da geração mimeógrafo é mais do que notória. Como “toda negação leva à negação da negação” (MORICONI, 1995, p.738), ao beber dos marginais, elas retomam a linguagem simples dos modernistas Oswald de Andrade (irreverência) e Manuel Bandeira (ingenuidade).

Embora declaradamente não sejam cultoras da métrica, como podemos observar nos capítulos anteriores há na poesia de Angélica Freitas uma regularidade que não comparece nos versos de Alice Sant’Anna. De onde se conclui que, sendo “o ouvido o melhor guia” (BILAC; PASSOS, 1905, p.41), tal diferença deve-se ao *gap* geracional entre as poetisas — Angélica nasceu em 1973 e Alice, 15 anos mais tarde, em 1988 — e à conseqüente e possivelmente maior bagagem de leituras a afinar o diapasão poético da gaúcha. Diferença, aliás, que se faz sentir na maturidade dos versos angelicanianos *versus* a inocência dos alicianos.

Ainda que cada vez mais consolidadas pelo tempo decorrido em consonância com a consistência de suas obras, não se pode endossar absolutamente estas jovens poetisas. Como todo livro de estreia — que não *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade —, *Rilke shake* e *Dobradura* têm poemas fracos:

agosto a oitava coelhinha da playboy
ou o templo dourado de kinkakuji
ou um gato e um pato num cesto

meu avô não gostava de agosto
dizia agosto mês de desgosto
quando passava dizia agora não morro mais
(FREITAS, 2007, p.13)

estive preparando planos
para que você recolha
as pistas
todas elas, numa caixa ou envelope

grampos sobre a mesa
poemas marcados a lápis
grandes imagens
que esperam, esperam, esperam

(SANT'ANNA, 2008, p.49)

Importa, no entanto, o conjunto e a feliz urdidura dos poemas nos livros que garantiram às autoras o status de sucesso de público e de crítica. Carlito Azevedo, por exemplo, é fã incondicional da poesia de Angélica Freitas:

Já nos primeiros versos de qualquer poema seu, [ela consegue criar] uma atmosfera feliz e profanadora que nos convida a relativizar o gigantismo de certos sentimentos solenes, sagrados, até mórbidos que por muito tempo quiseram, e ainda hoje querem, se fazer passar pela poesia mais autêntica, pela mais sensível forma de se viver um estado poético (AZEVEDO, 2009).

Há, contudo, opiniões dissonantes. Em resenha publicada em 17 de novembro de 2012 no jornal *O Estado de S. Paulo*, sobre o segundo livro de Angélica, *Um útero é do tamanho de um punho*, a poeta Mariana Ianelli afirma que a autora de *Rilke shake* é uma voz da nossa época, um “tempo propício à ironia, à desmistificação da linguagem, ao elogio da cotidianidade” e, portanto, “antiepifânico”. Segundo ela, trata-se de antipoesia por excelência (2012).

Uma apreciação, no mínimo, equivocada. Ianelli não percebe que epifania e dia a dia não são antagônicos, mas sim que uma nasce do outro. O fantástico só é assim entendido porque advindo da vida ordinária, caso contrário, seria mera rotina. Tanto Angélica Freitas quanto Alice Sant'Anna trazem uma lufada de novidade à poesia ao investir no cotidiano, em uma linguagem corriqueira e no humor que, em cada qual com uma intensidade, frequentam seus poemas.

O tempo das patrulhas acabou. Os rótulos morreram. Não há mais escolas literárias. A voz pós-moderna e ultracontemporânea prima pela pluralidade de atores e de discursos. E é nesse contexto rico e numeroso que Angélica e Alice devem permanecer em evidência, acima de tudo, pela qualidade da literatura que elas produzem, responsável pelos leitores que vêm arrebanhando e cativando.